

**Helena Rebelo**

# **Os Porquês do Português**



**A Variação Linguística  
em Usos Quotidianos**



**Edições Colibri**

## Índice

Nota Introdutória.....	11
Prefácio .....	13
Porquê usar “à” e “há”?.....	17
Porquê escrever “porque” e “por que”? .....	19
Porquê escrever “onde” e “aonde”? .....	21
Porquê escrever “trás” e “traz”?.....	23
Porquê escrever “senta-se” e “sentasse”?.....	25
Porquê usar acentos gráficos? .....	27
Porquê escrever “com certeza”, separando “com” e “certeza”? .....	29
Porquê diferenciar “se” “não” e “senão”? .....	31
Porquê querer substituir “vós” por “vocês”?.....	33
Porquê dizer “a perda” e “a perca”?.....	35
Porquê escrever “ajudo-te”, “não te ajudo” e “ajudar-te-ei”? .....	38
Porquê usar dois participios passados: “entregado” e “entregue”? .....	42
Escreve-se “ensino a distância” ou “ensino à distância”? Porquê? .....	45
Diz-se “havia muitos livros” ou “haviam muitos livros”? .....	49
Diz-se “eu parece-me” ou “parece-me”?.....	52
Diz-se “mantém-o”, “mantém-lo” ou “mantém-no”? .....	56
Diz-se “a presidente” ou “a presidenta”? .....	59
Escreve-se “vêm” ou “vêem”/ “veem”? Porquê? .....	63
Pode dizer-se “por outro lado” sem mencionar “por um lado”? .....	66
Há quem diga “ouvisto” em vez de “ouvido”. Porquê? .....	70
Porquê estudar a fala, sobretudo no dia da voz? .....	74
É “vinte e um ano” ou “vinte e um anos”?.....	79
Diz-se “muita grande” ou “muito grande”? .....	83

Diz-se “casou-se” ou “casou”? Porquê?.....	86
Diz-se e escreve-se “quaisques” ou “quaisquer”? Porquê? .....	90
Diz-se “perdoou-o” ou “perdoou-lhe”? Porquê? .....	94
Qual a diferença entre “portanto” e “por tanto”? Porquê? .....	98
Diz-se “muitas das vezes” ou “muitas vezes”? Porquê? .....	101
Uma mulher deve dizer “Obrigado!” ou “Obrigada!”? Porquê? .....	105
Deve pedir-se “um copo de água” ou “um copo com água”? Porquê? .....	109
Deve dizer-se “maciço” ou “massivo”? Porquê? .....	113
Deve dizer-se “refundação” ou “refundição”? Porquê? .....	116
Diz-se “a dengue” ou “o dengue”? Porquê? .....	120
Diz-se “parquímetro” ou “parcómetro”? Porquê? .....	124
Diz-se “história” ou “estória”? Porquê? .....	127
Diz-se “destrocar” ou “trocar”, quando precisamos de trocos? Porquê?.....	131
Diz-se “quadrienal” ou “quadrianual”? Porquê? .....	134
Diz-se “síndrome”, “síndroma” ou “síndromo”? Porquê? .....	137
Significam o mesmo “racionalizar” e “racionar”? Porquê? .....	141
Pode dizer-se “gostar-se” em vez de “gostar”? Porquê? .....	145
Pode dizer-se “Prontos!” em vez de “Pronto!”? Porquê?.....	150
Faz sentido dizer “Olá! Bom dia!”, para saudar alguém? Porquê? .....	154
Deve dizer-se “empenho” ou “empenhamento”? Porquê? .....	159
Diz-se “mal-estar” ou “mau-estar”? Porquê? .....	163
Serão “adesão” e “aderência” sinónimos? Porquê?.....	166
É “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Primeira Parte).....	170
Diz-se “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Segunda Parte).....	174
É “connosco” ou “conosco”? Porquê? .....	179
Serão sinónimos “inclusive” e “inclusivo”? Porquê? .....	182
Serão sinónimos “ementa” e “menu”? Porquê? .....	185
É “omeleta” ou “omelete”? Porquê? .....	189
É “bastante” ou “bastanta”? Porquê? .....	192
É “cargar” ou “carregar”? Porquê? .....	195
É “para além de” ou, simplesmente, “além de”? Porquê?.....	198
Terá “Pai Natal” plural? Porquê? .....	202

É “enquanto” ou “enquanto que”? Porquê? .....	206
É “ao nível de” ou “a nível de”? Porquê? .....	210
Qual é o feminino de “o capitão”? Porquê? .....	213
É “sociais-democratas” ou “social-democratas”? Porquê? .....	216
É “abissal” ou “abismal”? Porquê? .....	220
Serão sinónimos “constrangedor” e “confrangedor”? Porquê? .....	224
Fará sentido a sequência “tal como”? Porquê? .....	228
É “reestruturação” ou “restruturação”? Porquê? .....	231
É “o/ a hambúrguer” ou “hamburguer”? Porquê? .....	235
É “quotidiano” ou “cotidiano”? Porquê? .....	239
É “catorze” ou “quatorze”? Porquê? .....	243
É “tinha pagado” ou “tinha pago”? Porquê? .....	247
É “encarregado” ou “encarregue”? Porquê? .....	251
É “controle”, “controlo” ou “control”? Porquê? .....	255
Para “cair”, escreve-se “eles caem” ou “eles caiem”? Porquê? .....	259
Serão “velar” e “zelar” sinónimos? Porquê? .....	262
É “afogador” um sinónimo de “gargantilha”? Porquê? .....	266
Significarão o mesmo “resistência” e “resiliência”? Porquê? .....	269
O pronome “se” pode indicar uma construção passiva? Porquê? .....	273
Para “não adequado”, diz-se “inadequado” ou “desadequado”? Porquê? .....	277
É “ <i>supra</i> citado” ou “supracitado”? Porquê? .....	281
Escreve-se “escoteiro” ou “escuteiro”? Porquê? .....	285
Escreve-se “cabo-verdeano”, “cabo-verdiano”, “kabuverdianu” ou “cabo-verdiano”? Porquê? .....	290
É “anos atrás”, “há anos” ou “há anos atrás”? Porquê? .....	293
O que é uma “contracapa”? Porquê? .....	296
É “guardiense” ou “egitaniense”? Porquê? .....	300
É “um chiclete”, “uma chiclete” ou “uma pastilha”? Porquê? .....	304
Por que motivo se escreve “comummente”? Porquê? .....	308
É “fontanário” ou “fontenário”? Porquê? .....	312
É “o este” ou “o leste”? Porquê? .....	316
Podemos, ou não, usar o verbo “constatar”? Porquê? .....	320

É “anis” ou “aniz”? Porquê? .....	324
É “mandado de captura” ou “mandato de captura”? Porquê? .....	327
É “porto-santense”, “portossantense” ou “portosantense”? Porquê? .....	332
É “vinho e alho(s)”, “vinha de alho(s)” ou “vinha-d’alho(s)”? Porquê? .....	336
Porquê? Em memória de Tiago Freitas .....	341

## NOTA INTRODUTÓRIA

Nos últimos vinte anos, fui respondendo a várias questões de língua portuguesa que me foram colocando ou que foram surgindo em diversas situações de comunicação em que me encontrava. Também publiquei várias na imprensa. Com frequência, as pessoas que as colocaram julgavam que a resposta era simples porque não imaginavam que as línguas vivas suscitam problemas que, por vezes, são de difícil solução. A investigação na área das línguas vivas, incluindo a materna, não é sequer equacionada pela maioria das pessoas enquanto falantes de uma mesma comunidade. Se se perguntar à população em geral se considera possível, e necessário, realizar-se investigação científica com matérias ligadas à língua portuguesa a resposta será negativa. Já o experimentei e tenho verificado isso mesmo ao longo dos meus mais de trinta anos de ensino. O que procurei fazer foi, então, explicar aos meus interlocutores que estes assuntos merecem ser analisados minuciosamente e que nem sempre são o que parecem. Muitas horas de investigação foram passadas à volta de gramáticas, prontuários e dicionários. Aliás, parece que muito começa aqui: dizer-se que se vai consultar “o dicionário” ou “a gramática”, para estas pesquisas, não serve, já que o singular, habitualmente empregue, não revela a complexidade destas matérias. Logo, não consultei “o dicionário” e “a gramática”, mas “dicionários” e “gramáticas”, quer obras produzidas em território português, quer algumas publicadas no Brasil. A língua é apenas uma e os materiais de trabalho podem ser diversificados. A ponte Portugal-Brasil é percorrida sistematicamente ao questionar a língua portuguesa, fazendo lembrar um belíssimo texto de Mia Couto – “Perguntas à Língua Portuguesa” – a contestar a norma e a fazer valer a importância da língua portuguesa em Moçambique. A variação linguística é um Património Linguístico ainda pouco valorizado.

No início, decidi equacionar as temáticas em função de questões, evidenciando-as num “porquê”, uma vez que procurei a reflexão linguística com base nos dados existentes. A variação na comunidade de falantes é mais do que evidente e é a ela que aludo, quando equaciono um problema de língua portuguesa. O *modus operandi* foi também evoluindo à medida que fui contactando com os problemas linguísticos que me foram sendo colocados. Os que estão aqui datam, sensivelmente, desde 2008. Inicialmente, procura-

va responder às perguntas colocadas com argumentação simples e apresentava-a, num breve “tira-dúvidas”. Com o tempo, pensei que a consulta de dicionários seria extremamente útil para confrontar argumentos. Passei a facultar, então, no “tira-dúvidas”, em fim de cada texto explicativo, as propostas dos dicionários consultados, o que tem possibilitado uma comparação extremamente interessante, inclusive a nível cultural, revelando que os dicionários vão acompanhando as alterações culturais e sociais. Poderiam ser outros títulos? Poderiam. São estes porque os tinha à mão e porque considero que qualquer material é válido para esta consulta. Logo, os mais antigos são tão “bons” quanto os mais recentes. Tendemos a preferir obras de consulta bibliográfica mais recentes, mas, muitas vezes, temos de olhar para trás para perceber os fenómenos que estão a acontecer a nível linguístico. Esta é a minha convicção.

Basicamente, o que pretendi foi, permanentemente, auxiliar quem andava na dúvida e evidenciar que a variação linguística, numa comunidade de falantes de mais de 200 milhões, revela diversas possibilidades e uma grande riqueza linguística, embora também proporcione uma enorme instabilidade. No entanto, há aqui todo um património a explorar, um filão inesgotável, para quem reconhece a sua língua materna (inclusive para quem a tem por segunda, terceira ou mesmo sendo apenas estrangeira) como o primeiro e mais importante monumento a explorar, descobrir e conhecer, por fora, enquanto usuário, e por dentro, enquanto potencial linguista. Nem todos os falantes são cientistas da língua, embora muitos o julguem ser, mas todos se devem questionar sobre o modo como a usam.

A fim de continuar a auxiliar os falantes, ajudando-me, igualmente, a mim, porque também tenho dúvidas, decidi compilar variadas questões que fui tratando, nestes últimos anos. Espero que a publicação seja útil a todos os que se questionam para resolver dúvidas pontuais, mas também para suscitar o interesse pela investigação no domínio da Linguística, em especial no que se prende com a variação. Esta publicação vem no seguimento de outras. Uma língua é viva e, enquanto funcionar, vai variando, sendo indispensável entender o processo para poder continuar a manter a comunidade de língua portuguesa unificada, seja no território continental português, nas ilhas atlânticas, no Brasil, em Moçambique, em Angola ou em qualquer outra parte do mundo, mesmo na comunidade emigrante da diáspora, pelo mundo fora.

Funchal, 30-10-2020

Helena Rebelo  
Universidade da Madeira (FAH-CLLC-CIERL)  
CLLC-Universidade de Aveiro

## PREFÁCIO

Começamos, desde logo, por algumas dificuldades com que se depara quem precisa de comunicar eficazmente no seu dia a dia, em registo formal ou informal: dúvidas sobre a ortografia, hesitações sobre a pronúncia correta de uma palavra por influência de uma variedade fonética regional, falta de confiança em relação ao uso e significado de uma locução, um bloqueio devido ao desconhecimento da regra que rege uma dada forma lexical ou construção sintática, a incerteza acerca da possibilidade de feminizar certos cargos e profissões, a difícil escolha do termo mais apropriado à determinada situação de comunicação. Não é exaustiva a lista, mas serve para dar uma ideia da angústia que pode apoderar-se do sujeito enunciador, inibindo-o nas tarefas comunicativas.

Sendo a língua um sistema dinâmico em constante tensão devido às mudanças que a sociedade gera na atividade e comunicação humana, é natural que usuários do português fiquem com dúvidas sobre a língua usada em certos lugares sociais, geográficos ou culturais, por não coincidir muitas vezes com a língua padrão ensinada nas escolas ou com a variedade do português ouvido em casa ou na rua. Tais dúvidas podem provocar no usuário o sentimento de insegurança linguística consoante as formas e expressões que o próprio considera certas, estranhas, adequadas ou agramaticais, levando-o a autodiscutir sobre o uso “correto” ou “incorreto” da linguagem. Até porque não faltam ocorrências desviantes à norma-padrão que induzem o usuário em incertezas. A variação na língua portuguesa infringe, não raro, a norma, e não se deve confundir o erro (involuntário), por desconhecimento ou distração, com o desvio voluntário da norma, para efeito de maior expressividade. Acresce que a língua escrita difere muito da língua falada, porque, sendo mais próxima do uso normativo, resiste mais às inovações de que é pródiga a coloquialidade. Todavia, expressões escritas há, informais como as SMS, que assimilam sem complexos traços da oralidade. Além do mais, se, por um lado, muitas das “regras” que regulam o uso do português comportam exceções, por outro, as formas de certas locuções nem sempre seguem uma lógica fácil de aplicar.

Como se não bastasse tudo isso, outros factos da língua dão também que pensar como: estrangeirismos – porque nenhuma língua está isolada; gírias –



engendradas para que elementos de um grupo específico possam comunicar entre si sem que os outros (indivíduos exteriores a esse grupo) os percebam; modismos – porque, na língua viva que é a nossa, há locuções cuja construção é contrária às regras gramaticais e que não tem tradução direta em nenhuma outra língua; ou bordões – quando o pensamento precisa por vezes de uma moleta linguística para fazer avançar o fluxo discursivo. Afinal, qualquer língua encerra em si um mundo de variações e subtilezas, e o português não derroga tal princípio.

É sobre estas questões que versa o livro que temos agora em mãos. O núcleo da obra agrupa, por ordem aleatória como é usual neste tipo de publicação, quase cem textos elaborados com uma estrutura rígida em formato de ficha temática sobre um uso específico do Português Europeu. Na sua larga maioria, os textos configuram-se como crónicas linguísticas acopladas a um quadro didático, que exhibe informações complementares ou diferenciadas, aqui denominado “tira-dúvidas”. Na prática, a autora parte de uma situação do quotidiano que serve de pretexto e de ponto de partida para uma análise linguística com discussão dos dados e solução possível ao problema levantado. Encena a sua relação diária com a língua ao mesmo tempo que regista a espuma dos dias. As situações evocadas inspiram-lhe muitas vezes uma crítica social, uma reflexão ético-moral ou até um comentário sobre responsabilidades políticas pelas crises que o país ou o planeta vão enfrentando. Tal estratégia discursiva permite-lhe não só sugerir que toda a expressão verbal merece da parte dos usuários uma atitude crítica e informada, como também sustentar que os usos linguísticos sempre se inscrevem nos tempos que correm.

De acordo com a definição proposta por Wim Remysen, a crónica linguística consiste em:

um conjunto de discursos sobre a língua, com especial incidência nos maus e nos bons usos do idioma. É divulgada periodicamente sob a forma de rubricas na imprensa escrita (artigos de jornal ou revista) ou eletrónicas (programas de radio ou televisão). A crónica é assinada pela mesma pessoa, física ou moral, a quem se reconhece competência em matéria linguística.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Traduzimos a seguinte definição proposta por Wim Remysen: “La chronique de langage est un ensemble de discours sur la langue, plus particulièrement encore sur les bons et les mauvais usages de la langue. Elle est diffusée périodiquement sous forme de rubriques dans les médias écrits (articles de journal ou de revue) ou électroniques (émissions de radio ou de télévision). La chronique est signée par une même personne, physique ou moral, à laquelle on reconnaît une compétence en matière de langue.” A citação é extraída do artigo “La chronique de langage à la lumière de l’expérience canadienne-française: un essai de définition”, in Julie Bérubé, Karine Gauvin et Wim

Com efeito, *Os Porquês do Português*, que empresta o título a este volume, já foi rubrica iniciada em 2008 pela cronista no semanário *Tribuna da Madeira*. Retomadas e revistas, as crónicas sobre problemas de uso do nosso idioma que a autora publicou em vários órgãos da imprensa madeirense, ao longo dos anos, foram compilados nos seguintes volumes: *Desvio ou erro? Problemas na escrita da Língua Portuguesa*, vindo a lume em 2014, reúne crónicas redigidas entre 2010 e 2011, *Problemas de Português com Soluções*, editado em 2017, oferece um florilégio de crónicas publicadas em 2012 e 2013, reformuladas e simplificadas, e, finalmente, também lançado em 2017, *Erro ou desvio? Usos linguísticos na escrita da Língua Portuguesa – crónicas linguísticas (2012-2013)*. *Os Porquês do Português* é a quarta coletânea de crónicas que a autora põe à disposição dos seus leitores, sendo estes, além de professores, estudantes e profissionais da comunicação, todos aqueles que se interessam não só pelo bom uso do idioma, como também pelas tendências linguísticas que transformam a língua. Os títulos que a autora atribuiu aos seus livros de crónicas anunciam de forma cristalina o propósito explicativo de determinados usos da língua portuguesa, através do sinal de pontuação “?” e das palavras “erro”, “problemas”, “soluções” e “porquês”. O crescente número de livros de crónicas linguísticas que Helena Rebelo tem vindo a publicar demonstram o grande interesse que o público tem atribuído às suas rubricas, até pelo facto de a cronista ser cada vez mais interpelada e questionada por leitores seus, como disso nos dá conta nos seus escritos.

Este género discursivo inscreve-se numa tradição que nestas últimas décadas ganhou, em Portugal, particular importância nos *mass media*, talvez devido ao sentimento generalizado de que a língua portuguesa merece ser mais bem tratada. Muitos se lembrarão dos programas televisivos sobre língua portuguesa, como *Bem dizer, Bem escrever* (1984), *Crónicas de Bem dizer* (1986), apresentados por Edite Estrela, e *Falar Português* (1989), a mesma apresentadora contracenando, neste último, com João David Pinto Correia, e, mais recentemente, o *Cuidado com a Língua!* (2010-2019), protagonizado pelo ator Diogo Infante. Na imprensa escrita e na blogosfera, multiplicam-se os cronistas que escrevem sobre assuntos de língua e linguagem. Depois dos historiadores, dos sociólogos, dos filósofos, dos economistas, dos climatólogos, há uma nova especialidade a ganhar cada vez mais visibilidade no ambiente mediático: a dos linguagistas, respaldados na Linguística e na Gramática. Atualmente, nomes como Margarita Correia, Helder Guégués, Manuel Monteiro, Marco Neves e Sandra Duarte Tavares tornaram-se, para o público em geral, nas principais fontes de informação

---

Remysen (éd.), *Les Journées de linguistique. Actes du 18e colloque 11-12 mars 2004*, Québec, Centre interdisciplinaire de recherches sur les activités langagières, (“B-225”), 2005, p. 267-281.

sobre curiosidades que definem a língua portuguesa, o seu uso correto e as novas indústrias linguístico-culturais.

As crónicas de Helena Rebelo, repartidas por estes quatro livros, assentam, principalmente, na fina observação de diversos jornais e revistas nacionais, mas também das mais anódinas situações do quotidiano. A vertente estética da língua literária não é, por opção metodológica, tida em conta, interessando-lhe apenas a vertente mais utilitária da linguagem. Apesar de a autora viver na Madeira e de ter desenvolvido alguns trabalhos sobre as particularidades do português que aí se fala e se escreve, não dá especial relevo nas suas crónicas aos diatopismos madeirenses, embora aluda a alguns casos interessantes, vindos a talho de foice. A cronista prefere refletir sobre factos linguísticos transversais a todos os usuários do Português Europeu, estejam eles em Portugal, nas ilhas lusas ou no estrangeiro, emigrados. Esforça-se por familiarizar o leitor com o uso de uma metalinguagem que o ajude a pensar o funcionamento da língua. No caso da obra vertente, a novidade reside no facto de a autora fomentar o sentido crítico face ao modo como consultamos os dicionários e as gramáticas, lembrando que estes são sempre o reflexo e o produto de uma época.

Linguista de alma e formação, professora por vocação e condição, Helena Rebelo apresenta um perfil de autoridade que lhe advém de uma longa experiência em observar os usos de linguagem, em refletir sobre eles e em explicá-los, com os conhecimentos especializados em Ciências da Linguagem de que é detentora. Mais do que formular um discurso meramente prescritivo e corretivo, faz antes uma abordagem descritiva dos factos linguísticos observados, propõe uma análise neutra das expressões escritas ou orais, sem preconceitos. Por vezes, não tem pejo em reconhecer não ter soluções para o problema examinado. No que diz respeito à ideologia linguística, a cronista inscreve-se na sólida tradição daqueles que visam melhorar as qualidades da linguagem, preconizando a pureza (que não o purismo!), a correção, a clareza, a precisão e a propriedade.

A intencionalidade discursiva da autora é evidente: detetar e discutir os maus usos da língua portuguesa de modo a contrapor-lhe os bons exemplos que a enriquecem; despertar nos usuários do Português Europeu uma consciência linguística que os motivará a contribuir para a sua promoção e a conferir-lhe a dignidade que merece. Quanto mais consciência da língua portuguesa tivermos, melhor saberemos expressar-nos e melhor a ilustraremos.

Thierry Proença dos Santos

Nota: O texto foi escrito seguindo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.